



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**  
**CAMPUS I - CAMPINA GRANDE – PB**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC**  
**DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO**  
**CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

**ELIANA ROCHA DE LUCENA**

**REFLEXÕES SOBRE O CONTEXTO ESCOLAR E SUAS VERTENTES NO ENSINO**  
**- APRENDIZADO:**

**Um Relato De Experiência Em Uma Escola Pública Na Cidade De Campina Grande - PB**

**CAMPINA GRANDE – PB**

**2019**

**ELIANA ROCHA DE LUCENA**

**REFLEXÕES SOBRE O CONTEXTO ESCOLAR E SUAS VERTENTES NO ENSINO -  
APRENDIZADO:**

**Um Relato De Experiência Em Uma Escola Pública Na Cidade De Campina Grande - PB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à coordenação do Curso de Pedagogia da unidade acadêmica de Ciências Humanas da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial e obrigatório à obtenção do título de licenciatura em Pedagogia.

Área de concentração: Educação

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Ms. Kátia Faria Antero

**Campina Grande – PB**

**2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

L935r Lucena, Eliana Rocha de.  
Reflexões sobre o contexto escolar e suas vertentes no ensino - aprendizado [manuscrito] : um relato de experiência em uma escola pública na cidade de Campina Grande-PB / Eliana Rocha de Lucena. - 2019.  
41 p. : il. colorido.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2019.  
"Orientação : Profa. Dra. Katia Farias Antero , Coordenação do Curso de Pedagogia - CEDUC."  
1. Escola. 2. Prática pedagógica. 3. Aprendizagem. I.  
Título

21. ed. CDD 370

**ELIANA ROCHA DE LUCENA**

**REFLEXÕES SOBRE O CONTEXTO ESCOLAR E SUAS VERTENTES NO ENSINO -  
APRENDIZADO:**

**Um Relato De Experiência Em Uma Escola Pública Na Cidade De Campina Grande - PB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à coordenação do Curso de Pedagogia da unidade acadêmica de Ciências Humanas da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial e obrigatório à obtenção do título de licenciatura em Pedagogia.

Área de concentração: Educação

Aprovada em: 26/11/2019

**BANCA EXAMINADORA**

Kátia Farias Antero

Prof. Ms. Kátia Farias Antero (Orientadora)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Wanderleia Farias Santos

Prof. Dra. Wanderleia Farias Santos

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Mary Delane Gomes de Santana

Prof. Ms. Mary Delane Gomes de Santana

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

## **LISTA DE SIGLAS**

AEE	Atendimento Educacional Especializado
CF	Constituição Federal de 1988
LDB	Lei de Diretrizes de Base na Educação
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PPP	Projeto Político Pedagógico
UEPB	Universidade Estadual da Paraíba

## RESUMO

A presente pesquisa partiu do nosso olhar advindo das observações realizadas em uma escola da rede pública de ensino em Campina Grande (PB) durante o período de Estágio Supervisionado V da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). O presente artigo tem como objetivo refletir sobre o contexto escolar e suas vertentes no ensino-aprendizado considerando todos os elementos nele envolvidos. Como objetivos específicos, pretendemos discutir sobre a função social da escola; compreender a prática pedagógica como elementos fundamentais para o ensino-aprendizado de qualidade; discutir sobre a relevância da estrutura da aula. Enquanto metodologia trata-se de uma pesquisa qualitativa, buscando encontrar respostas para os questionamentos formulados antes de iniciarmos a investigação. Ainda buscamos suporte bibliográfico nos estudos de Libâneo (2013), Veiga (2007), Imbernòn (2001), Freire (1996), dentre outros estudiosos. Durante nossa investigação utilizamos como recurso para coleta de dados o diário de campo e a observação *in lócus*. Com a pesquisa já concluída evidenciamos que a formação docente em consonância com a teoria e a prática pode permitir maior segurança profissional em tomadas de decisões que surgiram no decorrer da atuação docente. Esse domínio facilita a escolha adequada da metodologia necessária à condução do processo de ensino e aprendizagem.

**Palavras Chave:** Escola. Prática Pedagógica. Aprendizagem.

## ABSTRACT

The present research began from our look coming from the observations made in a public school in Campina Grande (PB) during the period of Supervised Internship level V of the State University of Paraíba (UEPB). The present article has the objective of reflect about the school context and their aspects in teaching-learning considering all the elements involved in it. As specific objectives, we intent to discuss about the social function of the school; understand pedagogical practice as fundamental elements for teaching-learning quality; discuss about the relevance of the class structure. As a methodology it's about a qualitative research, searching to find answers to the questions formulated before we start the investigation. We still seek bibliographic support in the studies of Libâneo (2013), Veiga (2007), Imbernòn (2001), Freire (1996), among other scholars. During our investigation we used as a resource for data collection the field diary and the observation *in lócus*. With the research already done we showed that teacher formation in line with theory and practice can allow greater professional security in decision-making that emerged during the course of the action of the teacher. This domain facilitates the proper choice of the methodology needed to conduct the teaching and learning process.

**Keywords:** School. Pedagogical Practice. Learning.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>2</b>	<b>A FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA.....</b>	<b>10</b>
<b>3</b>	<b>A RELEVÂNCIA DA PRÁTICA PEDAGÓGICA.....</b>	<b>13</b>
<b>4</b>	<b>RELAÇÃO PROFESSOR E ALUNO E O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM.....</b>	<b>18</b>
<b>5</b>	<b>A ESCOLA LÓCUS DA PESQUISA .....</b>	<b>21</b>
<b>5.1</b>	<b>Histórico .....</b>	<b>21</b>
<b>5.2</b>	<b>Estrutura Física .....</b>	<b>22</b>
<b>5.3</b>	<b>Perfil Profissional .....</b>	<b>23</b>
<b>5.4</b>	<b>Gestão Escolar .....</b>	<b>24</b>
<b>5.5</b>	<b>O Projeto Político Pedagógico .....</b>	<b>26</b>
<b>6</b>	<b>REGISTRO DE AMBIENTAÇÃO E OBSERVAÇÃO DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS .....</b>	<b>28</b>
<b>7</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>38</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>40</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Nós, futuros profissionais de pedagogia, estudamos diversas teorias com intuito do enriquecimento teórico metodológico para nos ajudar no enfrentamento de diversas situações encontradas nas escolas desde a estrutura física, os diferentes contextos sociais à prática educativa em varias modalidades. Então devemos nos preparar criticamente para fazer uma reflexão sobre a ação que envolve o trabalho docente destacando a prática pedagógica como um dos elementos essenciais para auxiliar no processo de transformação dos envolvidos e no ensino e aprendizagem.

Esse trabalho partiu das observações realizadas durante o Estágio Supervisionado V em uma escola da rede pública de ensino na cidade de Campina grande (PB). O que ali foi observado nos motivou a produzir essa investigação acerca da influencia do contexto escolar no ensino aprendizado, bem como refletir sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas pelas docentes do ensino fundamental I.

Como o Estágio Supervisionado V faz parte da grade curricular do curso de pedagogia e é obrigatório, tivemos que ir a campo durante cinco segundas-feiras, e, portanto, foram cinco dias de pesquisas e observação e ao final tivemos que produzir um relatório sobre os pontos fundamentais observados na escola.

Nesse sentido, nossas investigações realizadas naquele espaço nos motivaram a produzir esse trabalho acerca das ações que eram desenvolvidas nas escolas e que nos levaram a refletir como as ações docentes e práticas implicavam diretamente no processo de ensino e aprendizado. Dá-se, portanto, nossa justificativa.

Enquanto objetivo geral pretendemos refletir sobre as ações do contexto escolar e suas vertentes no ensino-aprendizado considerando todos os elementos nele envolvidos. Como objetivos específicos procuramos discutir sobre a função social da escola; compreender a prática pedagógica como elementos fundamentais para o ensino aprendizado de qualidade; discutir sobre a relevância da estrutura da aula, relação professor e aluno no processo de ensino e aprendizagem, e da prática pedagógica.

A pesquisa trata-se de um relato de experiência em uma escola pública na cidade de Campina Grande (PB). A metodologia escolhida para realizar a pesquisa foi o método qualitativo, pois a mesma atenta aos requisitos necessários para nossas análises.

Essa metodologia utilizada responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, trabalhando com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes.

Como recursos metodológicos utilizamos na obtenção dos dados, os quais são indispensáveis para a realização da pesquisa, foram a observação e o diário de campo, pois o mesmo resulta em uma técnica de apreensão na qual os fatos são percebidos sem intermediação. Realizamos pesquisas pautadas em estudos com base nas referências de Freire (1996) Lajolo (1996), Veiga (2007) dentre outros estudiosos para sistematização da análise dos dados coletados, na técnica de análise de conteúdo, buscando maior compreensão sobre a temática em questão.

O trabalho encontra-se subdividido em tópicos. No primeiro deles abordamos sobre a função social da escola, no qual refletimos qual o papel da escola e sua influência no processo de desenvolvimento do sujeito e na sociedade. No segundo tópico dissertamos sobre a relevância da prática pedagógica e de sua importância para o sucesso do ensino aprendizado e ainda enfatizamos que para essa prática é preciso superar os desafios que surgem mediante cada contexto. Por último destacamos a relação professor e aluno no processo de ensino e aprendizagem, como fator preponderante para motivar o aluno à aprendizagem na escola e no contexto social que o cerca. Os escritos seguem trazendo a descrição das observações realizadas na Escola Pública Municipal de Campina grande- (PB) lócus da pesquisa.

Esperamos que ao fim desse trabalho, o leitor possa considerar a relevância do tema considerando a escola e os sujeitos que dela fazem parte como atores que possibilitam novas práticas e olhares da educação considerando a escola como um espaço transformador e necessário para sociedade.

## 2 A FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA

Brandão (2005) diz que o primeiro modelo de educação surge na Grécia se estendendo até Roma que perpetuou durante muitos séculos da história dos espartanos, atenienses e romanos. No entanto o sistema de ensino quanto a educação que havia em Atenas, até mesmo as sociedades capitalistas mais tecnologicamente avançadas, fizeram poucas inovações.

A partir da fala do autor podemos compreender que ao longo da evolução humana no decorrer de sua história, tiveram momentos e organizações diferentes. A organização do homem em sociedade está muito ligada ao contexto histórico envolvendo conjunto social, modo de produção e material existente. Acreditamos que a escola contribuiu para o processo de evolução do ser humano. Se partirmos desse pressuposto podemos dizer que escola é o local que tem a intenção de ensinar conhecimento formal.

Então o espaço escolar ao longo da história humana é permeado por diferentes práticas de ensino e à medida que o conhecimento e as relações humanas foram se tornando mais complexas, os espaços para o ato de ensinar também foram adquirindo formas diferenciadas e com razões distintas para existir ao longo da própria história do humano.

As primeiras escolas surgiram de maneira desestruturada, sem espaço físico adequado, sem material básico para as aulas, já que o ensino e os instrumentos de trabalho eram cobrados para os que buscavam estudar, pois saber ler e escrever era a possibilidade de se tornar professor e garantir sua sobrevivência.

[...] tais escolas não dispõem de acomodações adequadas. O mestre recebe os alunos nos locais mais inusitados: na sua própria casa, na igreja ou em sua porta, numa esquina de rua, ou aluga uma scholc, isto é, uma sala de aula. Diz o historiador francês Philippe Airès “Essas escolas, é claro, eram independentes uma das outras. Então o mestre esperava pelos seus alunos, como o comerciante espera pelos fregueses. Algumas vezes, um mestre roubava os alunos do vizinho”. (ARANHA, 1989, p. 85).

O autor explica em sua fala que na idade antiga as escolas eram formadas basicamente a partir necessidade de sobrevivência de professor e aluno. Vale salientar que nesse período só teria acesso ao estudo quem pudesse pagar.

A sociedade foi se modificando, surgindo novas demandas, desenvolvendo novas formas de se organizar tanto socialmente como economicamente, a escola foi acompanhando

essas mudanças, claro que sempre com dificuldade e tendo que lutar por um espaço na sociedade.

Partindo do contexto histórico da educação no mundo percebemos que as modificações conferidas na estrutura do ensino brasileiro na atualidade não são tão distantes do passado. A questão da formação institucional da escola, no Brasil, segue o mesmo mecanismo do resto do mundo, sendo constituída devido a uma necessidade social, em torno de interesses antagônicos entre as classes sociais.

Porém, em decorrência das novas exigências educacionais, aos poucos alguns seguimentos estão repensando as velhas práticas, pois a metodologia vista como retrógrada não atende mais a necessidade do mundo contemporâneo. É preciso considerar que o avanço tecnológico interfere diretamente na função social da escola, porque estamos vivenciando um novo contexto histórico que envolve a inserção tecnológica no cotidiano dos alunos, assim a escola não deve ignorar o conhecimento externo que o aluno traz consigo e sim aproveitá-lo para melhorar com intuito aperfeiçoar a aprendizagem uma vez que fora dos muros da escola os alunos estão imersos às inovações da tecnologia fazendo uso dela cotidianamente com maleabilidade.

As escolas são pensadas e organizadas a partir do pensamento político hierárquico, tanto na organização dos espaços físicos como o modelo de seu currículo que é aplicado. Contudo não devemos esquecer que o fator político se manifesta de forma diferenciada, pois ele vem por vários segmentos da sociedade.

Bueno (2010) comenta sobre a função social da escola, destacando que o social é ignorado. A escola torna-se uma instituição abstrata e homogênea, quando na realidade cada escola é ímpar, e não deve ser vista de forma genérica. Uma mesma intervenção não funciona em todas as instituições porque se devem levar em consideração os diferentes contextos sócio-históricos que a escola está inserida elencando desde sua cultura, às condições econômicas e ideologia predominante.

A função social da escola tem perspectivas com vistas a desenvolver potencialidades físicas, cognitivas e afetivas dos alunos, cujos objetivos pretende-se alcançar através da aprendizagem de conteúdos com intuito de favorecer conhecimento e habilidades capazes de estimular no aluno a aquisição de atitudes e valores culturais de maneira contextualizada, tornando o indivíduo um cidadão participante e ativo na sociedade em que vive.

Mendonça cita Gomes (2000) ao explicar que a função social da escola é desenvolver o processo de socialização do aluno e, nessa perspectiva, são dois os objetivos prioritários

desse processo: incorporação do aluno no mundo do trabalho e a formação do cidadão para intervenção na vida pública.

A função social da escola é bem mais ampla e divergente de outras épocas. Partindo dessa afirmativa, Cardoso (1980) considera a ideia de que a função social da escola poder ser tanto agente de transformação da sociedade como apenas um ajuste ideológico. Nas categorias ajustamento social e transformação social, a escola deve agir criticamente sobre organização social, o sistema de valores, visão de sociedade e concepções metodológicas. Na categoria de ajustamento social a escola parte de ideias ou projetos afins para atender a ideologia hegemônica, a exemplo do capitalismo, no qual tem em sua base uma visão humanística do idealismo, o liberalismo, o neoliberalismo e o positivismo.

A função social com base no pressuposto da Transformação social tem como ponto de partida os fatos coletivos, de bases humanísticas que envolvem materialismo dialético, o socialismo e o marxismo. Tem como intuito promover uma formação humana, sobretudo, crítica reflexiva e autônoma capaz de transformar vidas de uma sociedade. É importante ressaltar que cada uma dessas orientações citadas acima são pautadas em um projeto de Estado e de nação ao mesmo instante.

### 3 A RELEVÂNCIA DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Franco (2016) esclarece que para falar sobre práticas educativas, primeiro se deve discorrer sobre como a prática ocorre para a concretização de processos educacionais. Afirma ainda que as práticas pedagógicas na realidade são as práticas sociais que são exercidas com a finalidade de concretizar processos pedagógicos.

Tais processos envolvem objetivos e conteúdos concretos que são efetivados através das ações conscientes do professor desde que tais condições objetivem a condução do processo de ensino e apropriação do conhecimento pelos alunos e que são exigidos pela sociedade. Quanto ao trabalho docente, José Carlos Libâneo (2013, p. 14-15) explica que:

O trabalho docente é parte integrante do processo educativo mais global pelo qual os membros da sociedade são preparados para a participação na vida social. A educação, ou seja, a prática educativa-é um fenômeno social e universal, sendo uma atividade humana necessária à existência e funcionamento de todas as sociedades. A prática educativa não é apenas uma exigência da vida em sociedade, mas também o processo de prover os indivíduos dos conhecimentos e experiências culturais que os tornam aptos a atuar no meio social e a transformá-lo em função de necessidades econômicas, sociais, e políticas da coletividade.

Como vimos na citação acima o processo educativo faz parte de um contexto amplo onde envolve segmentos sociais, políticos, econômicos e culturais e não importa onde ocorra, sempre haverá uma subordinação em relação à sociedade que determina objetivos e meios para concluir determinada ação. Franco (2016, p. 9) afirma que:

As práticas pedagógicas se organizam intencionalmente para atender a determinadas expectativas educacionais solicitadas requeridas por uma dada comunidade social. Nesse sentido, elas enfrentam, em sua construção, um dilema essencial: sua representatividade e seu valor advêm de pactos sociais, de negociações e deliberações com um coletivo. Ou seja, as práticas pedagógicas se organizam e se desenvolvem por adesão, por negociação, ou, ainda, por imposição. Como já foi realçado, essas formas de concretização das práticas produziram faces diferentes para a perspectiva científica da Pedagogia.

A prática pedagógica é algo além da didática, envolve condições de formação, os diferentes contextos escolares, opções da organização do trabalho docente e a parceria com outros profissionais, ou seja, as técnicas didáticas utilizadas não estão presentes apenas na

prática docente, mas, em todo o processo de formação e os impactos sociais e culturais do espaço escolar, entre outros aspectos que conferem uma enorme complexidade na execução da docência. Paulo Freire (1996, p. 125) faz uma reflexão sobre a prática educativa apontando que ensinar exige reconhecer que a educação é ideológica, portanto:

[...] a prática educativa do professor ou da professora é o que diz a força, às vezes até maior do que pensamos, da ideologia. É o que nos adverte de suas manhas, das armadilhas que nos faz cair. É que a ideologia tem que ver diretamente com ocultação da verdade dos fatos, com o uso da linguagem para penumbrar ou opacizar a realidade ao mesmo tempo nos torna “míopes”.

Muitos são os desafios entorno da prática pedagógica e o professor deve fazer uma reflexão crítica se preparando para esse enfrentamento. Um grande desafio em comum enfrentado pelas professoras em questão é o processo de inclusão de alunos com necessidades especiais matriculados na escola, pois o contexto escolar não favorece o processo de inclusão de fato.

É necessário pensarmos nossas ações a serem desenvolvidas e que não devem desconsiderar o conhecimento teórico, o contexto histórico, muito menos as emoções que o educando traz consigo. Devemos sempre questionar sobre o tipo de discurso implícito na nossa prática. Muitas vezes reproduzimos uma ideologia alienada, sem questionamentos. Cabe repensar se estamos defendendo uma teoria adequada à prática cotidiana do professor que acaba se tornando um modelo que apenas facilita o cotidiano docente ou se são adequadas para promover o sucesso do aprendizado do aluno.

Segundo Freire (1996) a prática pedagógica não é apenas “formar” pessoas com habilidades. A formação deve ser embasada nos aspectos da ética profissional, conscientes sobre a importância de aguçar o olhar crítico sobre a realidade em sua volta.

Nesse sentido, acreditamos que a prática pedagógica adotada pelo docente dependerá de qual concepção se identifica e de que forma vê seu trabalho no cotidiano escolar. Podendo escolher desenvolver uma prática considerada transformadora, significativa pertinente ao contexto social dos alunos, ou apenas apropriar-se de uma prática mecânica que tem como principal finalidade repassar conteúdos e realizar atividades meramente repetitivas, sem criticidade.

Atualizar as ações do professor é algo inerente ao trabalho docente, uma vez que os sujeitos mudam e cabe ao docente procurar inovar seus métodos com vistas a alcançar o melhor aprendizado.

Durante uma conversa com a professora ela comentou sobre o do livro didático da escola, dizendo que o mesmo não favorece o processo educativo, esse questionamento pode ser analisado da seguinte forma: é hora da professora buscar inovar seus métodos de ensino e sair da zona de conforto.

Salienta-se, portanto, a ação transformadora que atinge aluno e professor com a capacidade de transformar as ações, possibilitando a imersão de ambos em novos olhares acerca do universo do conhecimento buscando atuar no contexto social e transformá-lo atribuindo significados.

De acordo com Gardner (2002) a reflexão sobre a prática docente constitui o conhecimento inesperado envolvendo teoria e prática, pois é por meio da reflexão crítica sobre sua prática que novos conhecimentos se constituem, então o professor deve estar sempre atento sobre o que ensinar, para que ensinar, além de sua relação com os alunos. O professor também deve refletir sobre sua interação com o sistema político, econômico, cultural e social.

Analisando a fala do autor supracitado compreendemos que a prática docente é composta por diversas influências externas e devemos ter consciência dessas e estarmos prontos para saber identificar que tipo de ideologia estamos colocando como instrumento de nossa prática.

Freire (1996) afirma que a educação interfere diretamente no nosso âmbito intervendo por meio de conhecimento direcionado através de conteúdos bem ou mal direcionados, podendo reproduzir a ideologia dominante. A educação permeia uma dialética, ora tendente aos ideais ideológicos do poder político e econômico, ora tende para as classes subalternas e seus anseios por conhecimento crítico.

Nessa perspectiva, compreende-se que a figura do professor é primordial para que haja transformação no meio em que o sujeito está inserido. Nesse sentido, vale ressaltar que a formação está permeada a questões voltadas para a ética, e compreender que a prática docente tem um papel importante na busca pela sociedade justa comprometida com seu trabalho. Libâneo (2013, p. 17) complementa dizendo que:

[...] a prática educativa que ocorre em várias instâncias da sociedade, assim como os acontecimentos da vida cotidiana, os fatos políticos e econômicos etc, é determinadas por valores normas e particularidades da estrutura social a que está subordinada.

Sabemos que as relações sociais e a experiência de vida fazem parte do cotidiano do professor alicerçando a prática profissional, permitindo ao docente a construção de novos saberes. Esses saberes são constituídos durante a formação profissional como no âmbito da prática docente.

De acordo Tardif (2014, p. 230) não se pode compreender o universo do saber docente, sem fazer uma relação sobre o ambiente de trabalho. A prática docente envolve o saber social e individual, esses saberes são introduzidos em sua atuação profissional. De acordo com o autor,

[...] um professor de profissão não é somente alguém que aplica conhecimentos produzidos por outros, não é somente um agente determinado por mecanismos sociais: é um ator no sentido forte do termo, isto é, um sujeito que assume sua prática a partir dos significados que ele mesmo lhe dá, um sujeito que possui conhecimentos e um saber-fazer provenientes de sua própria atividade e a partir dos quais ele a estrutura e a orienta.

O professor é um sujeito que carrega consigo influências sociais, dando significados ao conhecimento produzido por ele mesmo. Esse conhecimento favorece o desenvolvimento de sua prática profissional permeando caminhos para a construção de sua própria identidade.

Elencamos que a prática docente é resultante do cruzamento de diferentes saberes que são aprendidos em diversas situações, como por exemplo, no curso de formação de professores, no dia a dia em sala de aula, no convívio com outros profissionais e com familiares.

O professor contemporâneo deve ser um profissional pesquisador que busca melhorar suas ações. Não podemos nos contentar em ser um transmissor de conhecimentos, pois essa função pode ser atribuída a qualquer um. No entanto, se pensarmos a prática pedagógica como atuação que contribui para construção de relações sociais e na construção de identidades, fica evidente que nenhuma profissão pode assumir a configuração de professor.

Os professores do futuro têm como desafio estabelecer uma mediação entre o conhecimento e os discentes, pois estes são fundamentais para que o docente tenha compreensão que o processo de ensino-aprendizagem se altera constantemente em decorrência das modificações da sociedade e seus avanços na ciência e na tecnologia. Essas mudanças exigem novas habilidades profissionais.

Essas modificações exigem que o professor busque aperfeiçoamento profissional para acompanhar o novo modelo de educação que está sendo posto na sociedade contemporânea. Vale ressaltar que esse aperfeiçoamento pode ser adquirido com bastante dificuldade, pois na maioria das vezes o contexto escolar em que o profissional está inserido não contribui para

aquisição de novos conhecimentos, às vezes a exigência ultrapassa a área de atuação, estimulando no professor uma autorreflexão da prática na busca por mudanças efetivas.

#### **4 RELAÇÃO PROFESSOR E ALUNO E O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM**

A relação professor-aluno é condição necessária no processo da construção da aprendizagem, pois dinamiza e dá sentido ao processo educativo. Essa relação pode acontecer de forma conflituosa ou não, tendo em vista o convívio de classes sociais, culturais, valores e objetivos diferentes. A dialética carece estar baseada na confiança, na afetividade e no respeito, pois, de acordo com Libâneo (2013) essa interação é aspecto fundamental da organização didática, onde seu objetivo é alcançar a assimilação do conhecimento e desenvolver as habilidades necessárias ao processo de ensino e aprendizagem. Cabe ao professor guiar esse processo, estabelecer normas com clareza.

De acordo com Libâneo (2013, p. 276) todo aluno traz consigo a individualidade e a liberdade e que ambas são necessárias para que haja evolução na sociedade, pois isso exige do indivíduo o senso de responsabilidade. Destaca ainda a relação entre esses sujeitos como conflituosa entre a autoridade do professor e a autonomia do aluno, destacando que os dois seguimentos se completam. O professor aparece como mediador entre indivíduo e a sociedade.

O relacionamento baseado na afetividade torna-se um elo produtivo alicerçando professores e alunos na construção do conhecimento e tornando a relação menos conflitante permitindo a construção do saber entre as partes envolvidas. Favorece, ainda, o ensino e aprendizado e a descoberta oportunizando, desta forma, o crescimento mútuo. Libâneo (2013, p. 56), explica que,

O ato pedagógico pode ser, então definido como uma atividade sistemática de interação entre seres sociais tanto no nível intrapessoal como no nível de influência do meio, interação esta que se configura numa ação exercida sobre os sujeitos ou grupo de sujeitos visando provocar neles mudanças tão eficazes que os tornem elementos ativos desta própria ação exercida. Presume-se aí, a interligação de três elementos: um agente (alguém, um grupo, etc.), uma mensagem transmitida (conteúdos, métodos, habilidades) e um educando (aluno, grupo de alunos, uma geração).

O ser humano está em constante transformação. Assim, em relação não autoritária, onde o crescimento é estimulado, o professor também aprende enquanto ensina e, enquanto aprende o aluno também ensina. Corroborando, Freire (1996, p. 23) afirma que “Quem ensina aprende ao ensinar, quem aprende ensina ao aprender”.

A forma como o processo de ensino e aprendizagem ocorre se diferencia em cada tipo de pedagogia. De acordo com Libâneo (2013) a pedagogia liberal é sustentada por uma ideia de que a escola tem a função preparar os indivíduos para a execução de papéis sociais, levando em consideração a aptidão individual de cada um. Isso pressupõe que cada indivíduo precisa adaptar-se aos valores e normas existentes na sociedade.

Já a tendência crítica social dos conteúdos, as ações de ensinar e aprender forma uma unidade, mas cada um com suas especificidades. Seu objetivo norteia quanto aos aspectos sociopolíticos e pedagógicos e as condições do meio formativo, também convergem para autoatividade dos alunos na aprendizagem. O ensino é voltado para o aluno dominar o conteúdo científico de modo que possa fazer uma reflexão crítica sobre a realidade social.

De acordo com Libâneo (2013) a interação é fundamental para a organização da situação didática, tendo em vista alcançar os objetivos do processo de ensino, transmissão e assimilação do conhecimento. Podemos apontar dois dos aspectos de interação entre professor-aluno: primeiro vem o aspecto cognoscitivo, que é a forma de comunicação dos conteúdos escolares e as tarefas indicadas aos alunos, e o aspectos socioemocionais, que são as relações pessoais entre professor aluno e as normas disciplinares indispensáveis ao trabalho docente.

O professor não é apenas um transmissor de informações, deve também saber ouvir os alunos, agir como mediador, uma vez que a interação professor-aluno é imprescindível para que ocorra o sucesso no processo ensino aprendizagem.

O docente precisa saber direcionar com segurança os princípios didáticos metodológicos que orienta sua prática, pois o seu fazer não é unilateral. É preciso considerar que as opiniões dos alunos, as respostas que eles dão no decorrer da aula, as dificuldades demonstradas, a própria falta de interesse na aprendizagem acaba por responder como esta sendo feito o trabalho docente.

Uma problemática e desafio encontrado pelo professor no cotidiano escolar refere-se à inclusão de alunos com necessidades educativas especiais, a saber, que na formação acadêmica os docentes não são preparados para saber lidar com esse ensino específico, mas que o professor precisa buscar novas formas de ensino para alcançar essas crianças, uma vez que é um direito delas a inclusão.

O Poder Público estabeleceu na Lei De Diretrizes E Bases Da Educação (LDB) como alternativa preferencial, a ampliação do atendimento aos educando com necessidades especiais, na própria rede pública regular de ensino.

Temos que pensar que para que a inclusão se efetue, não basta estar garantido na legislação, mas demanda modificações profundas e importantes no sistema de ensino. Essas mudanças deverão levar em conta o contexto sócio econômico, além de serem gradativos, planejadas e contínuas para garantir uma educação de ótima qualidade (BUENO, 1998 p. 21)

Promover essa inclusão tem sido complexo, uma vez que muitas vezes as crianças com necessidades educativas especiais são integradas, mas não inclusas. Nas atividades em grupo são excluídas e sua participação é limitada. Portanto, existe a necessidade de introduzir uma metodologia específica, como também recursos pedagógicos, além de ampliar sobre as discussões no âmbito educacional sobre esse assunto a fim de encontrar, amenizar e/ou solucionar as dificuldades que giram em torno desse contexto, para que só assim a criança seja realmente incluída e considerada como cidadão atuante e que também intervém em seu meio.

## 5 A ESCOLA LÓCUS DA PESQUISA

Escola Municipal da cidade de Campina Grande (PB).

### 5.1 Histórico

O espaço físico escolar possui grande importância para o corpo discente, uma vez que este será cenário diário de estudos, discussões, debates, reflexões, convívios sociais e lazer. Espaço que deve ser convidativo, representando relações de intimidade e afetividade. Para melhor compreender as contribuições deste espaço físico ao desenvolvimento e aprendizagem, devemos levar em consideração que esse ambiente vai ser palco de muitas vivências.

Para qualquer ser vivo, o espaço é vital, não apenas para a sobrevivência, mas, sobretudo para o seu desenvolvimento. Para o ser humano, o espaço, além de ser um elemento potencialmente mensurável, é o lugar de reconhecimento de si e dos outros, porque é no espaço que ele se movimenta, realiza atividades e estabelece relações sociais (LIMA, 1995, p. 187).

A Escola Municipal foi contruída devido às reivindicações dos moradores, no período de governo de José Maranhão a obra de construção da Escola Padrão foi iniciada. Após o término de sua construção o prédio foi entregue pelo Governo do Estado à Prefeitura Municipal de Campina Grande, que tinha na época o prefeito Cássio Cunha Lima e secretário de Educação Harrisom Targino.

Sua Inauguração aconteceu no dia 08 de maio de 2001. A partir dessa data passou a se chamar Escola Municipal, ficando sua administração na responsabilidade da Gestora do período. Seu funcionamento teve início no dia 05 de janeiro do mesmo ano. Inicialmente, contava com o quadro de 17 funcionários e um número 430 alunos.

No ano corrente a escola foi privilegiada com a instalação de um Laboratório de Informática, com 11 micros, para uso dos nossos alunos. Também, receberam uma Sala de Leitura, para que os alunos pudessem ter mais acesso à leitura.

Em 2003, a escola passou pelo processo eleitoral, elegendo outra pessoa para o cargo de gestão com um mandato de três anos.

De acordo com a Diretora após seis anos de funcionamento, a escola obteve um satisfatório avanço, em relação ao rendimento escolar dos alunos, ou seja, no que diz respeito

ao aspecto pedagógico, bem como ao aspecto “estrutural”, devido ao bom trabalho desenvolvido por parte de todos os segmentos, organizaram o planejamento e reuniões de uma forma integrada e coerente, com a participação da comunidade escolar.

A escola desenvolve um projeto de Educação Ambiental, no qual existe uma parceria do Instituto Alpagartas e Secretaria de Educação do Município. A gestora atual, exercer o seu mandato desde 01 de janeiro 2016 até o dia ano corrente 2019.

## **5.2 Estrutura Física**

Lima (1998) afirma que todo espaço produzido pelo homem interfere no processo educativo de forma positiva ou negativa. O espaço condiciona nossos gestos diários, habitua nossa visão, estimula elementos simbólicos, estabelece pontos de referência.

A escola possui um vasto terreno, no entanto existe um pequeno espaço construído, uma secretaria, uma sala de computação vazia, pois levaram os computadores em um arrombamento, uma sala de leitura improvisada, almoxarifado, sala de professores, sala para mais educação, dois banheiros para funcionários, duas baterias de banheiro para meninos, com três sanitários, banheiros para meninas com quatro sanitários, além dos banheiros para alunos com necessidade especial, um masculino e outro feminino, cozinha, um banheiro na cozinha, pátio, depósito de merenda, depósito de material para limpeza e um paneleiro. A escola não tem refeitório e por isso os alunos merendam no pátio.

A instituição funciona nos períodos manhã e da tarde, ensinando as crianças do ensino fundamental em regime de externato, possui o total de 351 alunos distribuídos no período da manhã e no período da tarde. 17 desses alunos possuem necessidades especiais, no entanto a escola apresenta vários alunos com características especiais, mais não possuem laudo médico. A partir do grande número de crianças que precisa de amparo, a escola está buscando junto à Secretaria de Educação uma sala do Atendimento Educacional Especializado (AEE), pois a mesma ainda não possui, a sala de leitura tem um birô, cadeiras, alguns livros de história infantil em uma prateleira e jogos pedagógico.

Se a escola não oferece espaço adequado, tratado com cuidado estético, com áreas verdes e agradáveis aos sentidos, a criança se sentirá estimulada a desenvolver relações saudáveis e equilibradas com o ambiente, com o outro e consigo mesma? Piaget, em suas teorias sobre a psicogênese das estruturas topológicas na infância, remete à valorização das primeiras experiências espaciais como fatores determinantes do desenvolvimento sensorial, motor e cognitivo. (FRAGO; ESCOLANO, 2001).

Refletindo sobre as informações que tive acesso percebo que apesar do amplo território delimitado pelos muros da escola, me permito constatar que a estrutura física da mesma não apresenta muitos atrativos para o alunado, pois muitos os espaços existentes são improvisados, não há arborização e um espaço de recreação adequado. Diante de tantas críticas percebi um ponto positivo, é que a escola tem rampas para facilitar a locomoção de alunos cadeirantes, algo que garante parcialmente o processo de inclusão, parcialmente porque não basta ter uma estrutura física, mais um montante de atitudes por parte da comunidade escolar.

De acordo com Gomes e Ravazzi (2009), Para incluir pessoas com deficiência física, não basta apenas modificar a estrutura física da escola, construir rampas para facilitar o trânsito, equipar banheiros com elementos apropriados para pessoas com mobilidade reduzida. A mudança não deve ocorrer apenas no espaço físico, mas também deve haver mudanças no comportamento, não apenas de parentes, mas de todos que compõem uma convivência social no processo de inclusão.

Durante o período em que estive observando as aulas quase não contemplei momentos de leitura, quero salientar prática da leitura em sala de aula, ou até mesmo em rodas de leitura, tem se mostrado escassa em alguns momentos. A leitura em sala de aula e o estímulo da leitura e compreensão em qualquer momento do dia é o maior aliado na resolução deste problema, isto, não apenas em Língua Portuguesa, mas também em outras matérias.

As salas de aulas são amplas, existe mesa e cadeira para todos os alunos e também para a professora, têm armários, quadro branco e filtro com água. Existe um espaço tipo uma quadra coberta, próximo a cozinha, nessa quadra as crianças merendam e brincam após comer. Apesar das dificuldades na verba da merenda escolar, a comida é de boa qualidade, no entanto a água consumida pelas crianças é abastecida direto de uma torneira no pátio para um garrafão de água mineral, apesar de a água passar por tratamento talvez não seja tão boa para o consumo.

### **5.3 Perfil Profissional**

A escola observada tem um total de quarenta e três funcionários, sendo dez professores efetivos, e dois contratados, todos graduados, somente duas não têm especialização. Os professores possuem plano de carreira, devidamente construído pelas categorias, onde constam as mudanças de nível e classe e os salários e vantagens correspondentes. Geralmente a direção da escola libera professores e funcionários para cursos,

palestras e atividades pedagógicas. Uma dessas atividades é a formação continuada oferecida pelo município, a formação continuada é de suma importância para que o professor acompanhe as mudanças ocorridas da sociedade entre elas as novas tecnologias, ferramenta bastante utilizada pelos alunos atualmente.

A formação terá como base uma reflexão dos sujeitos sobre sua prática docente, de modo a permitir que examinem suas teorias implícitas, seus esquemas de funcionamento, suas atitudes etc., realizando um processo constante de auto avaliação que oriente seu trabalho. A orientação para esse processo de reflexão exige uma proposta crítica da intervenção educativa, uma análise da prática do ponto de vista dos pressupostos ideológicos e comportamentais subjacentes. (IMBERNÓN, 2001 p. 48-49).

Salientando que o conhecimento e os inúmeros conceitos adquiridos durante exercício profissional devem ser considerados, no entanto, a qualificação serve como instrumento de renovação do desempenho profissional.

Alguns dos servidores da escola, a exemplo de dois vigilantes, são prestadores de serviço. Duas secretárias são responsáveis em regular a entrada a saída dos alunos, bem como obter um controle de informações como frequência do aluno, entre outros serviços, além dos demais funcionários como o supervisor pedagógico, educador social, quatro vigias, sendo dois efetivos e dois contratados e três cuidadoras, cozinheira e duas pessoas do serviço gerais que fazem a limpeza além de educador físico.

As merendeiras preparam e servem a merenda de acordo com o cardápio, feito pela nutricionista da Secretaria de Educação, seguindo as normas de higiene e saúde. Os vigilantes trabalham reversam os turnos, onde sua função é efetuar rondas periódicas de inspeção, com intenção de zelar pela segurança do patrimônio público municipal. Do quadro de professores somente duas não tem especialização, no entanto todas possuem o ensino superior. Os professores possuem plano de carreira, devidamente construídos pelas categorias, onde constam as mudanças de nível e classe e os salários e vantagens correspondentes.

#### **5.4 Gestão Escolar**

A gestão escolar democrática oferta oportunidades de aprendizagem e experiências na área da Educação, partindo da necessidade individual de cada aluno, desenvolvendo um ambiente específico para que estes superem seus desafios individuais e coletivos (BRASIL, MEC, 2007). Na Constituição Federal de 1988 (CF) e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) de 1996, estão inscritos os princípios da educação nacional, que passou a se

basear na gestão democrática. Tanto no artigo 206º da CF de 88 quanto no artigo 3º da LDB consta que o ensino público deve ser ministrado de acordo com os preceitos da gestão democrática que se ampara, pois, na própria legislação brasileira.

De acordo com Araújo (2009) uma gestão escolar democrática deve possibilitar a participação de toda comunidade escolar com objetivo de alcançar a plena cidadania. Tal condição pode ser ampliada de cada indivíduo contribuir com uma parcela de conhecimento que carrega com suas próprias experiências, sejam elas formais ou não formais, tal conhecimento pode tornar os sujeitos muito mais autônomos e criativos.

O gestor que atua na gestão democrática tem que estar preparado para orientar e incentivar o processo democrático na escola. Sua liderança é fundamental para progresso da gestão escolar, ofertando um ambiente de participação coletiva, onde as ideias devem ser compartilhadas para promover uma gestão participativa.

A gestão da escola lócus da pesquisa de responsabilidade da senhora Maria Silva (codinome dado para preservar a identidade do sujeito) possui o magistério, ex-aluna da na escola normal, fez curso superior em Licenciatura Plena pedagogia, com especialização nas séries iniciais, supervisão, na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), psicopedagogia e educação infantil. É ela juntamente com o supervisor que lideram, gerenciam e articulam o trabalho de professores e funcionários.

A gestora responde legalmente pela escola e pedagogicamente por seus resultados. Sua gestão é participativa e democrática, pois a mesma busca a participação o comprometimento da comunidade escolar e local para a tomada de decisão e direção a ser seguida na instituição, para proporcionar uma educação de qualidade. A gestora não impõe suas vontades, pois ela nos informou que as decisões são tomadas em conjunto juntamente com o Conselho Escolar.

O direcionamento da gestão escolar cabe à direção, direção auxiliar e equipe pedagógica que, juntas, formam a equipe gestora. Essa equipe, tendo a gestão democrática como princípio, deve primar pelo fortalecimento do trabalho coletivo, da ética profissional e o comprometimento político-pedagógico com a educação pública.

De acordo com Souza (2008), a escola precisa rever o papel do gestor escolar no sentido de promover a gestão democrática como prática mediadora do trabalho pedagógico.

Nesse sentido, uma escola que afirma ser participativa deve conter participação coletiva dos agentes sociais envolvida no contexto escolar então, gestores e docentes devem proporcionar um espaço de interação de saberes e delegação de poder em prol da aprendizagem significativa do aluno. Medeiros (2003) explica que a escola com gestão democrática precisa:

está associada ao estabelecimento de mecanismos legais e institucionais e à organização de ações que desencadeiem a participação social: na formulação de políticas educacionais; no planejamento; na tomada de decisões; na definição do uso de recursos e necessidades de investimento; na execução das deliberações coletivas; nos momentos de avaliação da escola e da política educacional. Também a democratização do acesso e estratégias que garantam a permanência na escola, tendo como horizonte a universalização do ensino para toda a população, bem como o debate sobre a qualidade social dessa educação universalizada, são questões que estão relacionadas a esse debate. (MEDEIROS, 2003, p. 61).

A gestão democrática fortalece as relações de trabalho, os atores sociais se envolvem no bem comum, deixando de lado questões hierárquicas que muitas vezes distanciam as pessoas, a gestão democrática possibilita que a comunidade tenha voz, que os membros compartilhem conhecimentos, que entraves postos pela gestão autoritária sejam eliminados.

### **5.5 O Projeto Político Pedagógico**

Projeto Político Pedagógico (PPP) é um instrumento de planejamento cuja importância está para além de uma perspectiva de eficiência, alcançando o nível de pacto político e democrático, pois permite a participação de todos com igual responsabilidade e espírito de cooperação. Um dos documentos de maior importância na escola é que o trabalho pedagógico está intimamente ligado à concepção e a realização do projeto educativo. O PPP vai além de um agrupamento de planos de ensino e atividades, pois estabelece uma ação intencional idealizado coletivamente pela comunidade escolar. Para Veiga (2007, p. 13):

O Projeto Político-Pedagógico, ao se constituir em processo democrático de decisões, preocupa-se em instaurar uma forma de organização do trabalho pedagógico que supere os conflitos, buscando eliminar as relações competitivas, corporativas e autoritárias, rompendo com a rotina do mando impessoal e racionalizado da burocracia que permeia as relações no interior da escola.

Com base na leitura do PPP da escola, e das declarações feitas pela gestora pude observar que o mesmo segue as orientações da Lei de nº 9394/96, Lei Diretrizes e Bases da Educação.

O projeto teve sua última revisão no ano de 2017 para melhorar as ações educativas com base nos anseios e necessidades da comunidade local e dentro dessa perspectiva desenvolveram o projeto para atender os anseios Legais sobre as temáticas tratadas

atualmente como inclusão social de alunos com necessidades especiais, gestão democrática, a inclusão no currículo, o Ensino de "História e Cultura Afro-Brasileira".

A Lei 11.645/2008 altera a Lei 9.394/1996, modificada pela Lei 10.639/2003, a qual estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e cultura afro-brasileira e indígena". Incluiu no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena" e Decreto nº 6.571, de 17 de setembro de 2008 que dispõe sobre o atendimento educacional especializado, que regulamenta o parágrafo único do art. 60 da lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e acrescenta dispositivo ao decreto nº 6.253, de 13 de novembro de 2007. Questões essa que dão sentido a produção do PPP de cada escola.

O projeto de educação, considerando os alunos como seres pensantes e que trazem uma história de vida, a ser desenvolvido nas escolas; tem que estar pautado na realidade, visando sua transformação, na medida em que se compreende que este não é algo pronto e acabado. (MORRETO, 2005, p. 73).

O Projeto Político Pedagógico deve ter em sua configuração autonomia construída permitindo aos professores, alunos, coordenadores e diretores uma comunicação dialógica, para propiciar a criação de estruturas metodológicas mais flexíveis para reinventar sempre que for preciso.

O ponto que mais me chamou atenção foi a preocupação em adequar a escola para receber os alunos com necessidades especiais, quem solicitou o PPP foi a colega Virginia, a diretora se comprometeu em enviar o arquivo para o e-mail dela, depois que foi enviado a colega nos repassou no grupo de estágio para que todas tivéssemos acesso.

## **6 REGISTRO DE AMBIENTAÇÃO E OBSERVAÇÃO DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS**

Todas as observações que realizamos foram em relação às práticas e metodologias aplicadas pelas professoras da escola. Bem como observamos todas as ações que foram realizadas na escola loco da pesquisa durante o nosso estágio.

A maioria das ações pedagógicas aplicadas pelas professoras referencia-se à tendência pedagógica tradicional. A primeira demonstração é de uma relação de submissão existente em sala de aula na qual o professor apresenta-se como “centro” único detentor do conhecimento, e o aluno nada sabe conduzido a uma ação passiva, onde o conhecimento trazido pela professora é colocado para o aluno como saber absoluto.

De acordo com Libâneo (2013) na tendência sociocrática o professor é o mediador entre conteúdos e alunos. O ensino/aprendizagem tem como centro o aluno. Os conhecimentos são construídos pela experiência pessoal e subjetiva. Como esta tendência pode ser mais utilizada atualmente nas escolas tendo em vista que o aluno constrói o conhecimento junto com seu professor, percebemos que nas práticas das docentes observadas, poucas vezes se questionava ao aluno sobre os assuntos explorados.

Sabendo que a relação entre professores e alunos envolve aspectos afetivos e emocionais para o sucesso do processo de ensino e aprendizado, percebemos que na maioria das salas, observada a relação professor e alunos, era bastante distante, essa impressão deu-se ao fato de observar como aconteciam aulas, como os conteúdos eram apresentados e explorados de maneira mecanizada, com pouca ou nenhuma interação. Não chegamos a presenciar atividades coletivas e os alunos raramente tiravam dúvidas sobre a tarefa, mas não era porque estavam entendendo o assunto, e sim por receio de se aproximar das professoras.

Uma professora em especial nos chamou atenção devido à postura tomada por ela, pois se baseava no grito e isso fazia com que as crianças a temessem. Ainda no decorrer da aula fazia comentários inadequados com humilhações para com as crianças. Elas não interagiam na aula e o ensino era completamente tradicional e mecanizado.

A professora do quarto ano nos informou que ensinou aos pais dos seus alunos, e percebemos que existe uma questão de intimidade entre eles pelo tempo de convívio na mesma comunidade.

Durante os dias observados, refletimos sobre a ação docente realizada por cada uma das professoras, cada turma com sua particularidade, um perfil de aluno, um perfil do próprio

professor. O que nos chamou atenção foi à questão da insatisfação com relação à profissão por parte das docentes. Percebemos essa situação durante os intervalos das aulas, pois as professoras nos perguntaram quando iríamos assumir as aulas porque estavam ansiosas por um folga. Também era comum afirmarem que não viam a hora de se aposentarem mesmo faltando muitos anos.

Pareceu que o trabalho perdeu o encantamento, pois não havia entusiasmo nas suas ações pedagógicas. Mas compreendemos que há muitos fatores implícitos em sua falta de satisfação como podemos citar o próprio contexto social que está inserido esse professor, a própria sobrecarga de trabalho, dentre outros fatores.

Nós nos preocupamos com a turma do segundo ano, tendo em vista a quantidade de alunos, pois era bastante numerosa e continha três alunos portadores de necessidades educativas especiais e que precisavam de um acompanhamento pedagógico adequado, cuidador individual e que até o momento só havia uma cuidadora. Entretanto sabemos que inclusão dos portadores de deficiências na escola regular está garantida por lei.

Iniciado processo de observação na escola, procuramos realizar os registros diários no diário de campo mediante os aspectos que nos chamavam atenção além dos supracitados. Durante os cinco dias de observação, visitamos turmas diferentes, sendo cada dia para uma turma.

Primeiro dia de observação (22/04/2019), na turma do quinto com 29 alunos, no turno da tarde, a professora iniciou a aula fazendo uma oração, depois pediu ajuda para cada aluno por fila entregar o livro de português, perguntando se alguém faltava fazer as provas, para poder fazer.

A turma tinha um aluno com retardo mental e era acompanhado por uma cuidadora. Nesse dia, ele estava um pouco agitado, acreditamos que devido à nossa presença.

Primeira disciplina trabalhada foi Português. O livro utilizado era da coleção Apis, de Ana Trígono, Terezinha Bertin e Vera Marches da Editora Ática. A professora solicitou que os alunos deveriam fazer uma atividade de leitura e interpretação sobre um artigo de opinião intitulado “Pré-adolescente é criança?”.

Ficamos inquietos quando a professora fez essa solicitação, pois não sabíamos se esse tipo de gênero já havia sido trabalhado com os alunos. No entanto, mesmo que tivesse sido explorado em aulas anteriores, acreditamos que o conteúdo deveria ao menos ser retomado em forma de revisão, antes ou depois da leitura das crianças, mas isso não ocorreu.

Após a leitura, a professora simplesmente só pediu que copiassem o texto e a atividade dele, que havia no livro, para o caderno no intuito de mantê-los ocupados para que a mesma

pudesse organizar as provas que haviam sido aplicadas na semana anterior ao início de nosso estágio.

Perguntamos a essa professora sobre o plano de aula, a professora que disse ter esquecido o caderno de planejamento em casa e estava só com rascunho. Explicou que deu início a uma unidade 4, mas estava esperando os conteúdos da Secretaria Municipal de Educação, pois a esta é incumbida do envio, para as escolas, dos conteúdos que devem ser explorados nos bimestres.

Libânio (2013), fala sobre a importância de se utilizar do plano de aula, destacando que um plano regula a distribuição do tempo, a passagem planejada de uma atividade para outra, contribuindo para que professor e alunos antecipem o andamento sistemático da aula, reduzindo as interferências, as conversas inadequadas e as desobediências

Durante alguns minutos de conversa, a Professora falou sobre sua profissão relatando que tinha vinte anos de serviço no Estado e dez de município. Graduou-se em pedagogia, já ensinou em todas as fases, porém preferia ensinar quarto e quinto ano ou Educação de Jovens e Adultos.

Outro aspecto que nos despertou foi a docente explorar a matemática no segundo horário dessa aula na turma. Primeiro porque o estudo de português não foi concluído com nenhum tipo de ressalva dela para com os alunos. Segundo porque o conteúdo matemático foi iniciado de uma maneira muito tradicional sem levar o aluno a pensar ou questionar. O conteúdo explorado era composição e decomposição dos números naturais e as quatro operações matemáticas e deu-se apenas com aula expositiva no quadro com atividade escrita para o aluno relacionar. Não houve nenhum tipo de relação com o contexto em que esse conteúdo poderia ter sido utilizado e o porquê, no cotidiano do aluno.

Acreditamos que quando o professor ensina um conteúdo meramente pragmático acaba distanciando o aluno da escola, pois ele não enxerga o real sentido e função desse espaço em seu dia a dia. Nesse sentido, para transformar a educação, a escola precisa estimular o docente a ser um pesquisador de sua própria prática. De acordo com Demo (2003) cabe ao docente pensar no conhecimento como ciência e fazer disso sua prática no cotidiano escolar.

No segundo dia de estágio (29/04/2019) nos direcionamos à sala do quarto ano, com 33 alunos. A professora era graduada em pedagogia e letras trabalhando em duas escolas no município, sendo que nessa escola lecionava há 11 anos.

Nesse dia, pós-entrada, houve acolhida dos alunos, com uma oração feita por uma aluna. Em seguida, a professora perguntou se alguém tinha levado um livro de literatura e um

dos alunos tinha levado, mas não quis ler. Então, a professora fez a leitura do livro, “A história o Cavalo e o Burro” quando finalizou falou um pouco sobre a história.

Percebemos que quando o aluno se negou a realizar a leitura não houve nenhum tipo de estímulo da professora para que ele a realizasse. Poderia ter incentivado ao menos a contação, uma vez que a literatura pertencia à criança e ele conhecia seu enredo.

Em seguida, entregou os livros de matemática para que os alunos fizessem uma atividade, caso alguém deixasse de fazer, a tarefa ficaria para o dia seguinte, para ser feita na aula de educação física. Esse era o discurso de punição e ameaça utilizada pela professora constantemente.

Após o intervalo foi realizada uma atividade de Português sobre gênero textual, começando revisando o objetivo do gênero textual da história em quadrinhos, depois passou uma atividade do livro explicando o passo a passo do que seria feito.

Durante uma conversa que tivemos, a professora relatou que as condições dos materiais da prática docente estavam complicadas. Explicou que os livros didáticos que vieram não foram do escritor e coleção escolhidos pela escola. Além disso, o número de livros que mandaram para a instituição não condiz com o número de alunos, o que acaba comprometendo, muitas vezes, as atividades dinâmicas em sala de aula e dificultando as atividades mandadas para casa. Mas seguia o planejamento bimestral enviado pela Secretaria de Educação e deste fazia seu plano de aula.

Figura 1 - Sala do 3º ano



Fonte: Registrada pela autora.

Outro ponto que nos chamou atenção ocorreu em uma aula de Ciências, na qual cantaram “Parabéns” para uma das alunas e uma delas exclamou dizendo que não podia cantar “RA-TI-BUN”, pois era uma coisa ruim. A professora demonstrou não ter gostado do comentário e replicou dizendo se fosse assim “não andava de ônibus porque dizem que o dono

é macumbeiro!'''. Acreditamos que a forma como a professora respondeu a aluna foi no mínimo desrespeitosa, pois é preciso considerar o contexto e cultura aos quais o aluno é inserido e respeitá-las. Após o ocorrido, a aula seguiu normalmente sem maiores intervenções.

No terceiro dia de observação (06/05/2019) estávamos na turma do 1º ano contendo 27 alunos matriculados. Fomos bem acolhidos pela classe e também pela professora.

Depois de a professora organizar a turma, foi feita uma oração e, finalizada, foi proposto uma brincadeira pela professora para estimular as crianças a descobrirem que palavra estava exposta no quadro. Cada criança deveria dizer uma letra do alfabeto. A brincadeira era para introduzir a semana de comemoração em homenagem ao Dia das Mães. Depois que as crianças descobriram que a palavra escondida era Mamãe, foi dada sequência com palavras que demonstravam a importância da mãe na vida dos alunos.

Figura 2 - Sala de aula do 1º ano



Fonte: Registrada pela autora.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (BRASIL, 1998) propõe a contextualização e a transversalidade como meios de motivar o aluno e dar significado ao que é ensinado em sala de aula e a ação proposta pela profissional do ensino reflete um ensino contextualizado.

Finalizando o jogo, continuou a aula, solicitando que os alunos escrevessem o nome da escola, e em seguida, fez uma leitura coletiva das palavras escritas no quadro que foram sugeridas pelos os alunos. A professora mandou uma atividade para casa na qual deveriam fazer o nome da mãe. O que nos inquietou é que alguns nem sabiam como a mãe se chamava e a professora não fez nada a esse respeito quando ouviu os discursos.

Observamos que a maioria das professoras utilizava as aulas de educação física como motivo para estimular os alunos a copiarem as tarefas e se comportarem na sala, e caso não atendessem ao solicitado não participavam da recreação.

No segundo horário, foram trabalhadas frases ditadas pelas crianças orientadas pela professora. Mas percebemos que a professora não fez nenhuma contextualização e as frases eram soltas, aleatórias. Acreditamos que se houvesse uma temática trabalhada na qual a docente envolvesse os alunos na temática, as frases citadas pelas crianças fariam muito mais sentido ao invés de simplesmente citá-las.

Quarto dia de observação (13/05/19) e entramos na sala de aula do terceiro ano com 25 alunos, dentre eles uma jovem de 19 anos com paralisia cerebral. A mesma recebia assistência de uma cuidadora que ajudava com as atividades em sala.

O Cuidador Escolar é o profissional que está inserido na interdisciplinaridade de diversas áreas do conhecimento e para inserir o educando com necessidades educativas especiais no contexto escolar, colaborando assim, com a perspectiva da educação inclusiva. Para que fique evidenciada a importância deste profissional, apresento um caso concreto na área de educação especial.

Conforme a Lei nº 12.764/12, Estatuto da Pessoa com Transtorno Global, nos termos do art. 3º, Parágrafo único, “Em casos de comprovada necessidade, a pessoa com transtorno do espectro autista incluída nas classes comuns de ensino regular terá direito a acompanhante especializado” (BRASIL, 2016, p. 02), bem como, a Lei nº 13.146/15, Estatuto da Pessoa com Deficiência, nos termos do art. 39º, § 2º “Os serviços sócio assistenciais, destinados à pessoa com deficiência em situação de dependência deverão contar com cuidadores sociais para prestar-lhe cuidados básicos e instrumentais”. (BRASIL, 2016, p. 11).

Conversamos com a aluna e ela demonstrava ser bastante animada. Aprendeu a ler quando começou estudar na escola do município e passou dez anos estudando em uma escola particular, mas não foi alfabetizada lá.

A aula teve início com a professora perguntando à turma qual o dia, data e mês que estávamos. Percebemos que era uma forma de trabalhar o calendário, uma espécie de revisão sobre o dia da semana, meses do ano. E, em seguida, fez revisão sobre localização geográfica oralmente e nessa sequência mesmo, apresentou um livro de Cecília Meireles para trabalhar a poesia, “Ou isto ou aquilo”<sup>1</sup>.

Ficamos completamente admiradas quanto ao salto que a docente deu de um assunto para o outro sem fazer nenhum tipo de ligação. Ao apresentar o livro, achávamos que seria feito algum trabalho interdisciplinar envolvendo a matemática e a língua portuguesa no

tocante a literatura, mas não foi feito. Mais uma vez é possível questionar sobre qual o tipo de sentido que o aluno encontra na escola se esta muitas vezes se distancia do que realmente faz sentido para ele.

Mas a aula prosseguiu com a leitura da poesia. Quando a docente concluiu apenas perguntou se os alunos haviam gostado e os mesmos responderam com uma salva de palmas. Ficou evidente aqui que o texto foi utilizado sem objetivo aparente. Nem como leitura deleite foi realizada, pois não houve inferências e nem questionamentos sobre o enredo.

A professora usava de muito autoritarismo para manter a disciplina da turma. É necessário que o professor não confunda autoridade com autoritarismo, visto que a autoridade tem a função de motivar, orientar e proporcionar um clima prazeroso no ambiente social quer seja de trabalho, ou não.

Para Libâneo (2013, p. 277) o professor autoritário não exerce a autoridade a serviço do desenvolvimento da autonomia e independência dos alunos. Transforma uma qualidade inerente a condição do profissional professor numa atitude personalista. Enquanto que o autoritarismo ocorre quando uma pessoa que ocupa um patamar hierárquico mais elevado, usa de seu status de autoridade para impor aos outros as normas que devem ser obedecidas.

Havia dois alunos maiores que foram reprovados pelo menos umas três vezes cada. Um deles gostava de chamar atenção mexendo com outros colegas. Teve um momento que a professora foi bastante rude com ele afirmando que a presença dele na sala de aula ou fora dela não fazia a menor diferença em sua vida, pois ali havia muitos outros alunos.

Libâneo (2013, p. 278) afirma que o trabalho do docente deve ter em vista ajudar aos alunos nas suas tarefas. O controle sem ajuda pode provocar inseguranças nos alunos.

Percebe-se que o aluno por muitas vezes era ignorado, e não era solicitado a ele a realização das atividades, tampouco ela passava na carteira para verificar o que ele estava fazendo. Percebemos que esse aluno em específico era excluído, o que denotava nenhuma ação, completamente errôneo por parte da professora e também da escola que já sabia do caso desse aluno e não propunha nenhum tipo de auxílio à professora em como incluí-lo nas aulas e conquistá-lo para que este pudesse se desenvolver e se envolver nas atividades com os demais da turma.

Percebemos ainda outros tipos de exclusão durante nossa observação. Houve um momento em que enquanto as crianças respondiam à atividade de matemática sobre adição sem reagrupamentos, outros foram chamados para fazer uma leitura individual no livro de português. Durante a aula, a professora se aproximou junto à jovem com paralisia cerebral e pediu que fizesse a leitura do texto, quando a menina terminou a leitura, a docente fez uma

comparação de que ela estava lendo melhor que outros alunos da turma, um comentário bem inapropriado para ocasião. A professora não foi muito feliz com esse comentário, pois além de demonstrar certo preconceito em relação às pessoas com necessidade especial, ainda tentou demonstrar para outros alunos que eles estavam piores que a jovem com paralisia.

Alguns alunos nos pediram ajuda na execução da atividade, então começamos a ajudar quando olhamos em nossa volta tinham vários para que ensinássemos a atividade. Disseram em voz baixa que não pediam à professora por medo de serem repreendidos.

Até o presente dia percebemos que as professoras estavam muito “presas” ao livro didático com único recurso para desenvolver as aulas. A maioria dos momentos consistia em ler texto e realizar as atividades contidas nele. Sentimos falta do uso do material concreto, mas a própria escola não desenvolve nenhum tipo de orientação para aplicação das aulas de forma lúdica e concreta. Ficando isso a cargo de cada docente.

Para Lajolo (1996, p. 6) o livro didático assume importante papel dentro da prática de ensino brasileira nos últimos anos, isso é notável, principalmente, no Brasil, onde “a precaríssima situação educacional faz com que ele acabe determinando conteúdos e condicionando estratégias de ensino, muitas vezes de forma decisiva, o que ensinar, e como se ensinar”. Por esse motivo, surgiu a preocupação de fazer uma análise de como esse instrumento de ensino-aprendizagem vem sendo percebido e utilizado pelos professores.

Devemos nos conscientizar que o livro didático não pode ser visto como único instrumento a ser utilizado, os professores devem usá-los como apoio e não como um guia de suas práticas didático-pedagógicas, pois existem outros recursos didáticos que podem auxiliar a aprendizagem dos alunos, como também, novas metodologias de uso dos livros didáticos.

No quinto dia de observação em 19/05/2019 observamos a turma do segundo ano e o que nos chamou bastante atenção foi o fato de até aquele momento já terem passado três professores diferentes pela turma. A professora titular estava de licença, então a Secretaria de Educação mandou uma professora contratada para assumir a turma. A tarde começou com a professora olhando as atividades que foram mandadas para casa, enquanto alguns alunos estavam sentados, outros estavam conversando em pé. Quando terminou de olhar os cadernos, a professora pediu para ficarem calados e começou a oração do “Pai nosso”. Essa era uma turma com características peculiares, pois na mesma estavam matriculados dois autistas e uma menina com Síndrome de Down, e apenas uma cuidadora para essas três crianças.

Um dos meninos com autismo era bastante agitado e não conseguia ficar parado por causa do barulho dos outros colegas. Queria ficar na frente do quadro desenhando círculos, às vezes gritava, fugia da sala e a cuidadora sempre ao seu lado. Mas percebemos que ela estava

sobrecarregada porque além da inquietação do autista ainda tinha que cuidar de uma menina com síndrome de Down que mexia nas coisas dos colegas e saía correndo pela sala, tomava lanche dos outros, jogava os materiais no chão, deitava.

A criança autista era bem calma, não sabia fazer a atividade só, nem ler, precisa de um acompanhamento. Era bastante prestativo e ajudava, várias vezes, a arrumar a bagunça que a menina com Síndrome de Down fazia na sala.

Enquanto isso, a professora entregou o livro de português para trabalhar a letra H, propondo uma atividade de leitura em dupla, sobre palavras iniciadas por esta letra. No meio da atividade entregou um calendário silábico ilustrado para leitura, por alguns alunos não saberem ler.

Naquele dia de observação, a menina com Down pegou no sono e dormiu todo o restante da aula, depois do intervalo a professora passou uma atividade para os alunos montarem um desenho de sólidos geométricos, e nos oferecemos a ajudar. Ajudei as crianças com a colagem da figura montando o sólido geométrico. Essa foi a última da tarde.

Figura 3 - Sala de aula do 2º ano



Fonte: Registrada pela autora.

Apesar de a professora aparentar pouca experiência percebemos que era bastante determinada, pois a turma era difícil de controlar por causa das particularidades que os alunos com necessidades educativas especiais demandavam. Acreditamos que a docente precisaria de um apoio mais efetivo da escola, pois muitas vezes tinha que parar tudo para poder controlar a menina, já que a cuidadora só conseguia atender a um aluno por vez.

Em relação às situações didáticas, observamos que as professoras, em sua maioria, aplicavam a "pedagógica tradicional" como modelo de ensino, aplicando aulas expositivas, com metas a cumprir e atividades diárias. A mando da Secretaria de Educação do município, o livro didático era o principal instrumento de trabalho. Libâneo comenta que:

na pedagogia tradicional a atividade de ensinar é centrada no professor, que expõe e interpreta a matéria. Às vezes são utilizados meios como objetos, ilustrações, exemplos, mas o meio principal é a palavra, a exposição oral. (LIBÂNEO, 2013, p. 67).

Dessa forma, acreditamos que na prática docente não devem ser aplicadas apenas aulas expositivas, mas carece de maiores dinâmicas, instigando a resolução de problemas, superação de desafios, com fins instrutivos, informativo organizado, dirigido direta ou indiretamente pelo o professor visando sempre o ensino e aprendizagem dos alunos.

Libâneo (2013) informa que cada aula apresenta-se como uma situação didática específica, na qual objetivos e conteúdos se combinam com métodos e formas, visando fundamentalmente, propiciar assimilação do conhecimento e habilidades pelos alunos.

As únicas professoras a nos mostrarem os planos de aulas foram as das turmas do 1º e 4º ano, apresentando um pouco mais de flexibilidade e dinamicidade reconhecendo que os alunos apresentavam conhecimentos prévios para contextualizar o assunto trabalhado nas aulas.

Em relação às ações realizadas pelas docentes e as situações ocorridas em seu contexto, sentimos a ausência da escola em propor intervenções de melhoria na qualidade das aulas e no processo de ensino aprendizado, uma vez que os pais nem sempre eram chamados para um diálogo a fim de buscar alternativas e soluções para problemas individuais que ocorriam, como por exemplo, o aluno que estava fora de faixa etária que apresentava inquietação e rebeldia não querendo ficar em sala de aula e, como consequência, a professora nem o incluía nos desenvolvimento das atividades com os demais de sua turma.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizamos essa pesquisa compreendendo que as reflexões sobre o contexto escolar e suas vertentes no ensino aprendizagem não se esgotam. E um dos fatores que influenciam na aprendizagem é a relação professor e aluno como fator preponderante para que o aluno desperte interesse através da afetividade que o docente apresenta para com a criança.

Refletimos que carece que haja constantes questionamentos e discussões sobre essa temática para que as necessidades dos alunos, em formação, sejam atendidas e estes estejam bem preparados para atuar e intervirem no mundo em que vivem.

Entendemos que os saberes necessários para a prática docente são bastante complexos. Ainda é conveniente compreender que talvez não seja possível se deliberar exatamente sobre quais são os saberes que um professor deve ter para o exercício da profissão. Não se tem uma porção mágica para exercer a docência, cada pessoa traz consigo um jeito único de se apropriar da teoria de exercer sua prática, porque nela estão inseridos elementos externos a escola, porque nela está inserida uma coletividade heterogênea.

A prática educativa e o meio social influenciam os sujeitos e estes, ao assimilarem e recriarem essas influências tornam-se capazes de participar ativamente da prática transformadora do meio social e a escola é um espaço primordial para que isso aconteça.

Para tanto, cabe a esse espaço apoiar ao professor oferecendo-lhe condições em como desenvolver sua prática pedagógica de maneira mais efetiva no cotidiano escolar.

A reflexão da prática nos permitiu analisar o processo de construção de um novo conhecimento. Nesse sentido, a reflexão se transformou em componente dinamizador da prática construindo novos significados.

Vale salientar que para que haja novas práticas, a escola deve ser estímulo para o docente quanto à busca de novos conhecimentos, uma vez que os novos alunos que adentram em nossas escolas se diferem de contextos outros.

O objetivo proposto no início de nossa pesquisa foi parcialmente alcançado tendo que o processo educativo é permeado por diversos desafios, apesar de e conseguirmos o objetivo de refletir sobre as ações que ocorrem no contexto escolar no que se refere ao ensino e ao aprendizagem. Essa reflexão foi realizada levando em consideração características específicas do campo da pesquisa e seus envolvidos.

Queremos destacar que após a pesquisa já concluída evidenciamos que a formação do docente em consonância com a teoria e a prática pode permitir maior segurança profissional

em tomadas de decisões que surgiram no decorrer da atuação docente. Esse domínio facilita a escolha adequada da metodologia necessária à condução do processo de ensino e aprendizagem.

Destacamos ainda que a metodologia escolhida e o percurso metodológico foram eficazes para o proposto fim. As leituras selecionadas com bases nos estudiosos nos deram suporte teórico para refletir sobre as nossas análises.

Por fim, ressaltamos a relevância dessa pesquisa para todos aqueles que se propõem a compreender como ocorre o processo de ensino e aprendizado considerando os sujeitos que permeiam na escola e os elementos que existem nesse espaço e influencia nessa práxis.

## REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação**. São Paulo: Moderna. 1993.

ARAÚJO, Maria Cristina Munhoz. **Gestão escolar**. Curitiba: IESDE, 2009.

BRASIL. **Constituição Federal da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em:

[https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/CON1988\\_05.10.1988/CON1988.asp](https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/CON1988_05.10.1988/CON1988.asp). Acesso em: 12 jul. 2019, 205p.

BRASIL. Ministério da Educação. **Gestão democrática nos sistemas e na escola**. Brasília: Universidade de Brasília, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei 9394/96 de 20 de dezembro de 1996**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC. 1996.

\_\_\_\_\_. **Estatuto da pessoa com Autismo**. Disponível em:

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/112764.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112764.htm). Acesso em: 14 de jun. 2019

\_\_\_\_\_. **Estatuto da Pessoa com Deficiência**. Disponível em:

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/112764.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112764.htm). Acesso em: 14 de jun. 2019.

BUENO, J. G. **Educação especial brasileira: integração/segregação do aluno diferente**. São Paulo: EDUC, 1998.

BUENO, José Geraldo Silveira. **Função social da escola e organização do trabalho pedagógico**. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-40602001000100008&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-40602001000100008&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 16 jun. 2019.

CARDOSO, Elizete. **Elementos essenciais e contraditórios nas perspectivas de ajustamento social e transformação social**. São Paulo: Cortez, 1980.

CHERMONT, G.S. **A qualidade na Gestão de Projeto de Sistema de Informação**. Rio de Janeiro, 2006.

DEMO, P. **Educar pela Pesquisa**. 6. ed. Campinas: Autores Associados, 2003.

FRAGO, Antônio. V; ESCOLANO, Agustín. **Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001.

FRANCO, M. A. R. S. **Observatório da prática docente**. São Paulo: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, 2013.

FRANCO, M.A.R.S. **Prática pedagógica e docência: um olhar a partir da epistemologia do conceito**. Brasília, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessário á pratica educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 1999.

GARDNER, Howard. **Estruturas da Mente: A Teoria das Inteligências Múltiplas.** 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

IMBERNÒN, F. **Formação docente e profissional: forma-se para mudança e a certeza.** São Paulo: Cortez, 2001.

LAJOLO, Marisa. **Livro didático: um (quase) manual de usuário.** Brasília, 1996.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da Escola Pública.** São Paulo: Loyola, 1990.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 1999.

IMBERNÒN, F. **Formação docente e profissional: forma-se para mudança e a certeza.** São Paulo: Cortez, 2001.

LAJOLO, Marisa. **Livro didático: um (quase) manual de usuário.** Brasília, 1996.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

\_\_\_\_\_, José Carlos. **Democratização da Escola Pública.** São Paulo: Loyola, 1990.

LIMA, M. W. S. **Arquitetura e educação.** São Paulo: Studio Nobel, p.187, 1995.

MEDEIROS, I.L. **A gestão democrática na rede municipal de educação de Porto Alegre de 1989 a 2000- a tensão entre reforma e mudança.** Porto Alegre: UFRGS, 2003. Dissertação (Mestrado em Educação). Porto Alegre, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003.

TARDIFT, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** 17. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.